

O IMAGINÁRIO MODERNO DO CRONISTA: PACCELLI GURGEL E SUA “ALDEIA GLOBAL” (CAJAZEIRAS, 1990-2010).

Reniqueli Marques Ferreira*

Resumo: Na discussão cidade e modernidade buscamos analisar o imaginário moderno do cronista: Paccelli Gurgel e sua “Aldeia Global” (Cajazeiras, 1990-2010), sob o contexto dos tempos modernos. Percebemos o homem contemporâneo pelo fio condutor do cronista Paccelli Gurgel no processo de modernização urbana. Este sujeito atribui significado às sensibilidades pelo fascínio “do ser ou parecer moderno”. Neste sentido, a cidade de Cajazeiras se configura como objeto de estudo a ser investigado nas crônicas do jornal *Gazeta do Alto Piranhas*. O cotidiano urbano do cidadão, mesmo tendo uma rotina pré-estabelecida, traz a expectativa pela busca do “novo/moderno”. Diante disso, temos a intenção de compreender o processo de modernização da cidade de Cajazeiras e as sensibilidades refletidas no cotidiano sob o âmbito historiográfico da história social.
Palavras-chave: Paccelli Gurgel, Sensibilidades Modernas, Cajazeiras.

Eu, etiqueta.

Em minha calça está grudado um nome que não é meu de batismo ou de cartório, um nome... Estranho. Meu blusão traz lembrete de bebida que jamais pus na boca, nesta vida.

Em minha camisola, a marca de cigarro que não fumo, até hoje não fumei.

Minhas meias falam de produto que nunca experimentei, mas são comunicados a meus pés. Meu tênis é proclama colorido de alguma coisa não provada por este provador de longa idade.

Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro, minha gravata e cinto e escova e pente, meu copo, minha xícara, minha toalha de banho e sabonete, meu isso, meu aquilo, desde a cabeça até o bico dos sapatos, são mensagens, letras falantes, gritos visuais, ordens de uso, abuso, reincidência, costume, hábito, premência,

Indispensabilidade, e fazem de mim homem-anúncio itinerante, escravo da matéria anunciada.

Estou, estou na moda. É doce estar na moda, ainda que a moda seja negar minha identidade, trocá-la por mil, açambarcando todas as marcas registradas, todos os logotipos do mercado. Com que inocência demito-me de ser eu que antes era e me sabia tão diverso de outros, tão mim-mesmo, ser pensante, sentinte e solidário com outros seres diversos e conscientes de sua humana invencível condição.

Agora sou anúncio, ora vulgar, ora bizarro, em língua nacional ou em qualquer língua (qualquer, principalmente).

E nisto me comprazo, tiro glória de minha anulação.

Não sou — vê lá — anúncio contratado.

Eu é que mimosamente pago para anunciar, para vender em bares festas praias pérgulas piscinas, e bem à vista exibo esta etiqueta global no corpo que desiste de ser veste e sandália de uma essência tão viva, independente, que moda ou suborno algum compromete.

Onde terei jogado fora meu gosto e capacidade de escolher, minhas idiossincrasias tão pessoais, tão minhas que no rosto se espelhavam, e cada gesto, cada olhar, cada vinco da roupa resumia uma estética?

Hoje sou costurado, sou tecido, sou gravado de forma universal, saio da estamparia, não de casa, da vitrina me tiram, recolocam objeto pulsante, mas objeto que se oferece como signo de outros objetos estáticos, tarifados.

* Aluna do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras-PB.

E-mail: renekellymarques@hotmail.com

Por me ostentar assim, tão orgulhoso de ser não eu, mas artigo industrial, peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é coisa.
Eu sou a coisa, coisamente.

Carlos Drummond de Andrade, 1984.

A relação entre a Literatura e a História neste artigo objetiva interdisciplinar o contexto dos Tempos modernos, buscando repensar as sensações modernas que interferem nas identidades dos homens sobre o dilema: ‘*Ser ou parecer moderno?*’. No poema ‘*Eu, etiqueta*’ o poeta Drummond revela uma autocrítica à modernidade ao retificar a identidade do ‘*eu*’ humano como ‘*coisa*’, representado pelo ‘*homem - anúncio*’ produzido pela etiqueta global nas vitrines. Estas etiquetas transmitem as aparências modernas dos ‘*novos*’ sujeitos caracterizados pelos logotipos do mercado consumista. Os tempos modernos têm influenciado a criação de um ‘*novo*’ perfil dos sujeitos, diria que estes ‘*sujeitos etiquetados*’ constituídos na ‘*cultura do ter para ser*’.

Nesse sentido, o historiador social problematiza a modernidade a partir da identidade dos sujeitos, tendo como fio condutor o imaginário moderno do cronista: Paccelli Gurgel¹ e sua ‘*Aldeia Global*’, enfatizando sua identidade moderna. Portanto, as discussões no campo da História social se fazem por intermédio da construção da identidade social do cronista para repensar as fragmentações das identidades socioculturais dos sujeitos ditos ‘*modernos*’. Desta forma, os espaços urbanos e o processo de modernização aproximam os aspectos da globalização e da tecnologia do mundo moderno, ocasionando a revolução virtual da *Internet* e a interferência no perfil multifacetado dos sujeitos sociais que almejam ser modernos, esforçando-se para atender as exigências impostas pelo ‘*novo mundo*’ que ganham dimensão no cotidiano da sociedade urbana.

Portanto, a modernidade no contexto das cidades é entendida neste estudo a partir das experiências vivenciadas pelos cidadãos no processo de modernização relacionado com a ‘parafernália’ tecnológica que se tornou parte do cotidiano. Questionamos ousadamente qual cidadão cajazeirense por mais ‘*simples*’ que seja não possui o desejo consumista de ir à loja do **Armazém Paraíba** e comprar todos os eletrodomésticos que tem na casa do seu vizinho? . Simplesmente para ‘*aparentar*’ ser moderno, endivida-se numa prestação parcelada no carnê em 24 meses. Entendemos a modernidade como o reflexo dessas ações dos sujeitos sociais que almejam *ser ou parecer* modernos. Esses são os sujeitos captados nas crônicas do cronista

¹ Francisco Eugênio Paccelli Gurgel da Rocha nascido no Rio Grande do Norte em 01 de janeiro de 1964. Pós - Graduação em Arqueologia Pré-Histórica UFPE, ex-professor de história da Universidade Federal de Campina Grande, falecido em 22 de setembro de 2010.

Paccelli Gurgel, ao observar as sensações modernas no cotidiano movimentado da cidade de Cajazeiras. Seu imaginário moderno nos permite entender o contexto da modernização na esfera do cotidiano compreendendo os pontos positivos para o crescimento da cidade, repensando o *‘ser moderno’* na perspectiva da identidade social. Tendo em vista que a cidade de Cajazeiras sedimenta uma memória discursiva dita *“Terra da Cultura”*, este pensamento está imbuído nas mentalidades dos cajazeirenses e como tal estes sujeitos se consideram modernos.

O espaço urbano para o sujeito representa a importância de identificação cidadã, sendo o lugar de pertencimento do indivíduo. Compreende-se então que o indivíduo constrói sua identidade a partir de seu lugar social de pertencimento. Para tanto analisamos os motivos que justificam o fato do cronista Paccelli Gurgel, cidadão Mossoroense, deixar o Estado do Rio Grande do Norte, passando a residir na cidade de Cajazeiras e construir sua identidade cajazeirada.² Percebemos que a influência da cidade de Cajazeiras sobre o indivíduo Paccelli Gurgel vai além do espaço físico urbano, o seu olhar enxerga na cidade uma sensibilidade que o faz significá-la como a sua *‘Aldeia Global’*.

[...] O que diabos aquela pequena cidade tinha que tanto me fascinava? Hoje percebo claramente: Cajazeiras tinha (e tem) gentes e histórias. Tudo o que tinha visto mundo afora, percebia aqui uma pequena amostra. A banda de rock, os grupos teatrais, a tradição de luta no decurso dos pesados anos da Ditadura (com direito a bomba em cinema e tudo), o time de futebol ativo e vencedor, uma noite pra lá de boêmia. Isso e muito mais, sem perder o ar puro de província. Mas o que me pegou mesmo foram às pessoas. [...]. (GURGEL, Paccelli. 20 anos de cajazeirado. **Gazeta do Alto Piranhas**, 20 Ago.2010).

O sentido imaginário do cronista não é simplesmente a abstração ilusória de pensar a *‘cidade perfeita’*, este sujeito não tem *‘o sonho utópico’* do *‘elogio ao moderno’*. Na condição intelectual o cronista é antes de tudo um formador de opinião crítica que percebe a realidade dos problemas sociais da cidade de Cajazeiras, porém não perde a sensibilidade de sentir a cidade vibrante e pulsante.

Ressaltamos que o imaginário do cronista se constitui na valorização da cultura e da história da cidade como algo belo, rústico, apaixonante como o *‘grito vibrante da guitarra’* da banda de Rock’ N’ Roll, o embelezamento dos Carnavais envolvendo as diversas *‘tribos’*, a

² A construção da Identidade Cajazeirada do cronista Paccelli Gurgel é objeto de estudo da pesquisa monográfica iniciada recentemente. Mas ao longo dos estudos podemos afirmar que a identidade cajazeirada deste sujeito compreende-se pela sua atuação e pertencimento como também a identificação sociocultural desse sujeito com a cidade de Cajazeiras/PB.

tradição das festividades juninas. As culturas da cidade de Cajazeiras são as inspirações que movem o imaginário do cronista. Contudo, para entender como o indivíduo constrói significados sobre a ‘*Aldeia Global*’, julga-se necessário entender de qual lugar social este sujeito pertence. Para isso, apresento um trecho da crônica *Cidades*:

[...] E depois que a poeira baixa dessa sanha demolidora, minha cidade brilha novamente em suas feições originais, tão caras a tantos... Exultantemente livre, ela ri para mim, sua face dividida em duas por uma indiscreta lágrima de felicidade, corrente e líquida como o Rio Mossoró que a separa em partes... (GURGEL, Paccelli. *Cidades*. **Gazeta do Alto Piranhas**, 05 Jul.2002).

Compreendendo que as cidades são conjuntos de imagens que posteriormente o indivíduo reconfigura e transforma, a construção da ‘*Aldeia Global*’ para o cronista Paccelli Gurgel seria a junção das cidades de Cajazeiras e Mossoró. Para a cidade de Cajazeiras o cronista atribui vida, sentimentos, sons. Mesmo sendo uma cidade pequena geograficamente, o cronista a considera global, afinal de contas tudo o que acontece no mundo chega às calçadas dos cajazeirenses seja pelo rádio, televisão ou por meio do computador. Observa-se que a cidade de Cajazeiras possui uma ampla divulgação virtual, a imagem da cidade divulgada em torno da cultura e do crescente processo de modernização urbano, tecnológico e intelectual nos meios de comunicação. Verifica-se então que a imagem da ‘*Aldeia Global*’ não é apenas um discurso imaginário do cronista Paccelli Gurgel, esta representação ganhou dimensão no meio virtual globalizado pelos agentes da mídia cajazeirense.

No entanto, gostaríamos de esclarecer que embora o cronista Paccelli Gurgel demonstre uma afinidade intensa pela cidade de Cajazeiras, ele mantém vínculos importantes com sua cidade Mossoró, pois como dizia ele “*Eu sou um homem do Mar*”. Nessa frase o sujeito Paccelli Gurgel faz referência ao fato de Mossoró ser uma cidade litorânea. Ao escrever sobre sua cidade este indivíduo, deixa transparecer na crônica o respeito e o sentimentalismo poético expressado por uma discreta lágrima de felicidade por relembrar as experiências vividas na adolescência e principalmente o convívio familiar. Contudo, percebemos certa melancolia no homem adulto que retorna a sua cidade para visitá-la e não sabe por qual motivo se sente como um estrangeiro, sem direito a reclamar as transformações e construções que invadem ‘*deformando*’ a beleza da sua cidade. O tempo passa, mas a cada retorno a cidade de Mossoró o cronista se sente realizado, pois sua cidade volta a sorrir para ele e sua imagem se divide em duas faces, alegria e lágrima, provocada pela despedida em consequência da volta à cidade de Cajazeiras.

O cronista Paccelli Gurgel tinha a percepção de entender a cidade de Cajazeiras com um ‘*olhar humano*’, sendo um sujeito que presenciou o processo de modernização e ampliação do espaço urbano da cidade de Cajazeiras nas décadas de 1990-2010. Todavia voltou seu olhar para o âmbito cultural, captando em suas crônicas as sensibilidades modernas do cotidiano cajazeirense, com uma análise humana – crítica: “[...] *Aflige-me a exaustão da vida moderna, meio dor na coluna meio aflição de planejamento não realizado. [...] Nesta semana, a Aldeia Global estará vazia, inerte, apática, indiferente ao mundo e aos que rastejam sobre ele. [...]*”. (GURGEL, Paccelli. *Anticrônica. Gazeta do Alto Piranhas*, 01 fev.2002).

Na *Anticrônica*, o cronista demonstra sua aflição e exaustão provocada pela rotina da vida moderna, indiretamente faz uma crítica ao ‘*elogio moderno*’, comentando seu desanimo em escrever o texto. A cidade dita por ele ‘*Aldeia Global*’ estaria sem voz, pois seu imaginário não tinha inspiração, o mundo e todos que rastejam sobre ele estariam indiferentes, por causa da exaustão da vida moderna. O cronista expõe seu pensamento particular, mas este sentimento compartilha-se com a rotina pré-estabelecida do cotidiano dos homens ditos ‘*modernos*’. Ao refletir sobre o tempo vivido, se angustia com os ciclos viciosos causados pela vida moderna projetada no consumo e no poder de conquista. Isso, em determinado momento, causa no indivíduo moderno um estágio de cansaço.

Ao comentar a temática da modernidade, faz-se necessário entender o seu significado para distingui-la da modernização. Segundo Balandier; “[...] *A modernidade é aquilo para onde é preciso ir coletivamente, a modernização aquilo pelo que poderia e deveria ser atingida – a qualquer preço.*”. (BALANDIER, Georges, 1920; 146). Todavia, a discussão cidade e modernização não se faz no sentido progressista arquitetônico, definindo a cidade de Cajazeiras como moderna a qualquer preço. Interessa-nos entender o imaginário moderno do cronista Paccelli Gurgel em relação à modernidade percebida no cotidiano cajazeirense, para compreender sua sensibilidade discursiva ao se referir à cidade de Cajazeiras como ‘*Aldeia Global*’, objetivando perceber através das crônicas o olhar desse cronista em relação à cidade sob o contexto da modernidade.

De acordo com Cristina Sá, no estudo “*Olhar Urbano, olhar Humano*”, a cidade constitui-se como um objeto de estudo privilegiado por possibilitar a interdisciplinaridade entre as áreas de ciências sociais e humanas com o contexto da arquitetura e urbanismo. Abordando as maneiras que se percebem o espaço, ‘*o olhar urbano*’ tem sido visto de um lado sob forma racionalista, técnica e progressista, de outro lado apresenta ‘*o olhar humano*’,

no qual se considera os valores históricos e culturais. No entanto é preciso a junção desses olhares, pois eles se complementam sendo necessário '*olhar o urbano com um olhar humano*'. (SÁ, Cristina, 1991; 14-15).

O cronista Paccelli Gurgel, sendo um homem moderno, apresenta um conhecimento histórico do mundo, sendo um sujeito que tem a percepção de olhar o urbano humanamente. As sensações transmitidas pela cidade nas suas imagens e sons trazem um sentido imaginário. A sensibilidade do cronista representa uma ênfase significativa no âmbito cultural, por ser um homem que se preocupava com as manifestações culturais e musicais da mídia radiofônica local. Sua personalidade crítica realista desnudava as facetas da modernidade presentes no cotidiano cajazeirense, ora preocupando-se com os problemas sociais ora comentando os assuntos políticos.

Em suas crônicas com uma linguagem coloquial o cronista tece críticas sobre os tempos modernos em que os indivíduos insistem em 'ser ou parecer modernos'. O ser moderno para Paccelli Gurgel caracterizava a personalidade individual do ser humano, em se posicionar em determinados assuntos comportando-se como um sujeito histórico preocupado com o seu tempo. Nessa perspectiva o imaginário moderno do cronista Paccelli Gurgel se refere à consciência histórica de sua identidade moderna, esse indivíduo entende que a modernidade permite ao homem reinventar seu cotidiano, mediante o fenômeno da globalização que se diversificou pelo mundo inteiro, estando presente na vida dos cidadãos cajazeirenses.

A relação sujeito e cidade se complementam, na medida em que o cidadão Paccelli Gurgel se caracteriza como um cidadão cajazeirado³, ao construir um lugar de pertencimento. Este sujeito produz significados para representar a cidade de Cajazeiras visível. É perceptível a sua sensibilidade de sentir a cidade em suas particularidades e se maravilhar com o movimento ativo da feira aos sábados, o caminhar pelo calçadão do Leblom no final de tarde, contemplando o pôr do sol no Açude Grande. Esta sensação de intimidade reserva para o indivíduo Paccelli Gurgel o desejo de sentir-se integrante do lugar, possibilitando a criação de sua identidade social cajazeirada.

Nesse processo imaginário de construção de espaço-tempo, na invenção de um passado e de um futuro, a cidade está sempre a explicar o seu presente.

³ O termo cajazeirado apresenta duas definições, distingue o indivíduo que não é naturalizado cajazeirense. Todavia caracteriza os sujeitos sociais que estabelecem vínculos de afinidade com a sociedade, portanto ao vir residir na cidade de Cajazeiras Paccelli Gurgel constrói um lugar de pertencimento e atuando como cidadão cajazeirado dando início a construção de sua identidade social cajazeirada.

Com isso, acaba por definir uma identidade, um modo de ser, uma cara e um espírito, um corpo e uma alma, que possibilitam reconhecimento e fornecem aos homens uma sensação de pertencimento e de identificação com sua cidade. (PESAVENTO, Sandra, 2007; 17).

A sensação de pertencimento do cronista Paccelli Gurgel em relação à cidade de Cajazeiras na criação de sua identidade cajazeirada explica-se devido à identificação desse sujeito com a cidade de Cajazeiras. Entre as décadas de 1990-2010 este sujeito constrói um espaço de pertencimento atuando como professor de História da UFCG, e principalmente como cronista do Jornal *Gazeta do Alto Piranhas*. Tendo em vista que o sujeito Paccelli Gurgel viveu 20 anos na cidade de Cajazeiras, então passa a ser denominado cidadão cajazeirado. Durante esse tempo que residiu na cidade de Cajazeiras este sujeito construiu sua identidade cajazeirada pela sensibilidade de enxergar e sentir as intimidades da cidade, conhecendo ‘o corpo’ da sociedade e os ‘espíritos’ dos cidadãos cajazeirenses. A cidade de Cajazeiras para o cronista tem história e tem cultura estes dois fatores contribuem para a sensação de pertencimento e identificação. Na condição de historiador, o cronista Paccelli Gurgel compreende a importância do passado histórico da cidade para explicar o presente, desta forma o cronista significa em seu imaginário moderno a cidade de Cajazeiras dita ‘Aldeia Global’ para explicar a modernidade dos sujeitos sociais.

Contextualizando a expressão usada pelo cronista Paccelli Gurgel ao significar a cidade de Cajazeiras como ‘Aldeia Global’, esse termo ganha ênfase por estar inserido no contexto dos tempos modernos. Vivemos a era da globalização, do terceiro milênio caracterizado como o tempo das revoluções tecnológicas e mudanças de hábitos culturais, devido à modernidade vivenciada pelos indivíduos. O moderno traz a novidade global de informação – *Internet* – fenômeno sociocultural acompanhado com o processo de modernização que permeia o cotidiano urbano das cidades ditas ‘aldeias globais’. Exemplificando, são ‘aldeias globais’ porque se baseiam num sistema geral de informações que contém os aspectos do mundo moderno. Os espaços urbanos das cidades constituem o mundo global da informatização pela *Internet* como fenômeno sociocultural que adentra no cotidiano das cidades e as conecta com o restante do mundo. Todos os fatos e acontecimentos chegam ao conhecimento do homem com apenas um *click do mouse*. Sendo, portanto uma ‘aldeia global’ de informatização, tecnologia e modernização do espaço urbano, que proporciona nos indivíduos as manifestações das sensações modernas. Sobre isso, observemos a música abaixo:

Shopping Center karaja
Meu relógio yanomami
Minha calça atroari
E o meu tênis do Xingu

Aldeia Global
Aldeia Global
Aldeia Global
Aldeia Global

Ecologia cor-de-rosa
Em tupi "I love you"
Eu não sei o que é um índio
Mas eu quero "Queimar" um

Aldeia Global
Aldeia Global
Aldeia Global
Aldeia Global

Meu disquete ritual
Meu computador me diz
Não existem diferenças
E todo mundo é tão feliz.
(Artista: Zona Tribal).

O artista da música: ‘*Aldeia Global*’ faz um paralelo entre os aspectos materiais da modernidade quando cita o Shopping Center, o relógio yanomami, calça atroari, e o tênis do Xingu. Todos os produtos são marcas registradas que formam *o logotipo* do indivíduo moderno. A globalização tecnológica do computador transmite a imagem de que não existe diferença, através da *Internet* nos sites virtuais ‘*todo mundo é tão feliz*’, ‘*tudo é tão perfeito*’. Transmite a *etiqueta* de uma imagem virtual propagandista de um mundo ‘*novo*’ ‘*belo*’ e de ‘*gente feliz*’ fazendo compras sendo seres esteticamente ‘*perfeitos*’. Estes indivíduos seriam então ‘*logotipos etiquetados*’, que não tem consciência do ‘*outro*’.

Percebemos que estes novos sujeitos modernos, ultimamente vem rompendo com os valores éticos e sociais. O próprio indivíduo quando se esquece do seu próprio ‘*eu*’ em nome de uma estética, vestindo uma ‘*etiqueta*’, não tem condições de respeitar o ‘*outro*’, pois rompeu com seus próprios valores. Sua identidade por si só não existe, o sujeito é um produto artificial, ou seja, é uma ‘*etiqueta*’. Sendo então um sujeito alienado, passivo, despersonalizado, enfim, um sujeito efêmero. Compreendendo a importância de repensar a modernidade trazemos uma discussão baseada na identidade do indivíduo Paccelli Gurgel como um fio condutor para analisar ‘*os sujeitos modernos*’ da cidade de Cajazeiras, buscando compreender os significados do cronista em relação à modernidade presenciada no cotidiano cajazeirense e seu intuito de representar a cidade como ‘*Aldeia Global*’.

A cidade de Cajazeiras no imaginário moderno do cronista Paccelli Gurgel é dita ‘*Aldeia Global*’ por ser uma ‘*aldeia*’ na qual residem pessoas acolhedoras, que recebem com harmonia o visitante estrangeiro, mostrando-lhes suas intimidades a cada recanto das ruas, imaginariamente sendo uma cidade que acolhe sentimentalmente o visitante. Ao complementar que a cidade é ‘*global*’ tem significância devido à diversidade cultural e as manifestações dos aspectos da globalização.

A discussão da temática modernidade e cidade, significada por Paccelli Gurgel como ‘*Aldeia Global*’, se configura no seu espaço imaginário que se constrói pela sensibilidade de um ‘*olhar humano*’ angustiado com a vida moderna devido aos problemas sociais e a *aculturação* de uma *civilização* que se escandaliza politicamente, socialmente, e rompe com os valores humanos fragmentando a identidade sociocultural em nome do ‘*novo*’ e do ‘*moderno*’. O cronista tem a consciência de que o mundo moderno apresenta fatores positivos, mas em contrapartida existem os fatos negativos que quando atingem a sociedade causam danos incalculáveis. Todavia nenhuma sociedade é instável, a mudança é necessária, mas para que esta mudança não aprisione os indivíduos, estes devem ter consciência de sua identidade.

Consideramos o cronista Paccelli Gurgel um homem moderno e portador de uma personalidade crítica. Este historiador apresenta em suas crônicas um amplo conhecimento histórico de perceber o mundo. Criticamente desnuda as facetas da modernidade ilusoriamente ocasionadas pelas sensações do ‘*ser ou parecer*’ moderno.

O mundo moderno para o cronista se configura no campo das ideias e na personalidade dos indivíduos responsáveis por sustentarem *os tempos modernos*, mas estes sujeitos sociais devem ter consciência de sua identidade sociocultural para não se deixarem escravizar pelas *etiquetas modernas*. Ter identidade isto é ser moderno. Contudo em seu imaginário o cronista poeticamente amplia este discurso atribuindo significados que ora são imaginários ora podem ser percebidos sensivelmente no cotidiano: “[...] Seremos eternos *Peter Pans* a voar por essa Terra do Nunca que na verdade não existe em uma outra dimensão, como conta a fábula de J. M. Barrie, mas aqui mesmo, nas calçadas do nosso cotidiano.”. (GURGEL, Paccelli. *Imortalidade*. **Gazeta do Alto Piranhas**, 11, Jan.2008).

Para o cronista Paccelli Gurgel, a cidade de Cajazeiras dita ‘*Aldeia Global*’ fascina pela sensação de *sermos os eternos Peter Pans*, com a inocência de poder criar ‘*tudo*’ nesse mundo imaginário. O imaginário moderno do cronista Paccelli Gurgel permite-nos conhecer como este sujeito constrói uma história fabulosa de uma *Terra do Nunca*: ‘*Aldeia Global*’,

que só existe em seu imaginário. Mas que pode ser percebida aqui mesmo nas calçadas de nosso cotidiano cajazeirense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALANDIER, Georges. **O Contorno: Poder e Modernidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

GURGEL, Paccelli. *Anticrônica*. **Gazeta do Alto Piranhas**, 01 fev.2002.

GURGEL, Paccelli. *Cidades*. **Gazeta do Alto Piranhas**, 05 jul.2002.

GURGEL, Paccelli. *Imortalidade*. **Gazeta do Alto Piranhas**, 11 jan.2008.

GURGEL, Paccelli. *20 anos de cajazeirado*. **Gazeta do Alto Piranhas**, 20 ago.2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**. 11. ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História** – Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 27, nº53, jan.- jun., 2007. p. 14-15-17.

SÁ, Cristina. **Olhar urbano, olhar Humano**. Cristina Sá... [et al]. – São Paulo: IBRASA, 1991. Instituição Brasileira de Difusão Cultural LTDA. Editora Universitária Champagnat. (Biblioteca estudos brasileiros; v.20). p.14-15.

SANTOS, Edison Luís dos. **Da Taba À Aldeia Global: Cultura e Resistência Caiçara na Era Digital**. 2006. Projeto de Pesquisa. (Elaborado para o Curso de Biblioteconomia, Orientação à Pesquisa Bibliográfica I). Escola de Comunicação e Artes, Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, 46p.

Disponível em: <http://zona-tribal.hipermusicas.com/aldeia-globalMjY2OTM0/> Acesso em 07/09/2011 às 08h44min. (Letra da música: Aldeia Global/ Zona Tribal).